

Freyradas

O CABOCLÓ É FIGURA DE RETÓRICA

Em seu livro "Nordeste", ensina o Snr. Gilberto Freyre que o caboclo é, cada vez mais, uma alma-do-outro-mundo ou, seja, pura figura de retórica, conceito, aliás, confirmado em "Sobrados e Mucambos", onde o mameluco cede o lugar ao cafuso ou caboré, imprópria-mente denominado curiboca.

É esta uma inverdade tão deslavada, que nem merece rebatida. Faz-nos lembrar do falecido psicanalista Artur Ramos, o qual, em sua "Introdução à Antropologia Brasileira", afirma, categoricamente, que o cruzamento lusoameríndio se processou todo na fase colonial; ou do musicólogo baiano Renato Almeida, que aristocraticamente manifesta sua ogeriza ao elemento caboclo nas seguintes palavras, de simplismo de gabinete: "na música, como em tudo mais, a sua influência foi diminuta". Foi diminuta, foi diminuta, e pronto! Linguística, vida no interior, história e até... folklore (!), nada disso interessa a Renato, porque êle só parece entender (e mal) de música.

Gilberto, Ramos e Renato estão de acôrdo numa coisa: a de que não conhecem o Brasil, pois que, se saíssem da sua área cultural, veriam que, na Amazônia, Brasil Central, Paraná, Rio Grande do Sul e, mesmo, São Paulo, ainda hoje vamos encontrar, na massa mameluca, pessoas que são netas e até filhas de índios puros.

Por outro lado, é preciso que nos não esqueçamos de que tem havido, em diferentes períodos da nossa história, o incorporamento, em grande escala, do indígena à civilização, como, por exemplo, o caso do Cacique Canindé, no Nordeste, que se converteu ao cristianismo com milhares de índios sem qualquer mestiçamento.

RACISMO ?

Em "Sobrados e Mucambos", o mestre de Apipucos afirma: "No Brasil, uma coisa é certa: as áreas de mestiçamento mais intenso se apresentam as mais fecundas em grandes homens. A nossa Virgínia durante a monarquia, a mãe de grande parte dos presidentes de conselho e dos ministros de Estado foi — a comparação já tem ocorrido a mais de um estudioso da formação política do Brasil e não tem pretensão nenhuma a original — a Bahia, penetrada não só do melhor (sic!) sangue que o tráfico negreiro trouxe para a América como da cultura mais alta que transmitiu da África, ao continente americano".

Francamente, ou isto é visível má fé ou estamos deante de um tremendo misticismo racista afrobrasileiro!

Gilberto Freyre confunde, maldosamente, o caso da Bahia, fenômeno puramente histórico (pois que ela foi a primeira Capital do Brasil, com as primeiras escolas e instituições culturais) com as preexcelências de sangue e cultura dos negros que foram trazidos para o Brasil. Contraditóriamente, combatendo todos os racismos, está, no entanto, criando um novo, que se processa às avessas...

Ante tal critério, um europeu estaria no direito de aventurar (o que, por certo, nos não agradaria) o seguinte juízo, mais conforme com a verdade histórica: "Sou a nata dos mortais, porque os maiores cérebros

têm sido de raça branca".

Sandice contra sandice, já se vê.

CASA GRANDE E OUTRAS COISAS GRANDES

Sugestão magnífica para novos títulos de possíveis obras do sociólogo pernambucano é a do falecido Moacyr Arcoverde. Começando em "Casa Grande e Senzala", teríamos: "Sobrados e Mucambos", "Chácaras e Quintais", "Bacias e...", por aí vai.

Uma riqueza exuberante de nomes, títulos e expressões que o bravo patricio da sociologia pitoresca não pode desprezar.

JÓGO DO BICHO

O complexo do jôgo do bicho, característico do brasileiro, é, no livro "Casa Grande e Senzala", atribuído ao indígena brasileiro. Mas, paradoxalmente, em outro escrito, confessa Freyre que confundiu **índio** com **hindú** (ambos são Indian, em certos textos ingleses) e que, portanto, devemos tirar dos ombros do nosso pobre antepassado das selvas mais esta nota infamante.

Ainda bem, que só agora descobriu, o nosso herói, que não existem camelos, nem elefantes e nem... burros nativos, na terra de Santa Cruz.

FREY...XADAS

— x x x —